

Retratos de família

Neste que aqui está vemos, em carnaval de Hieronymus Bosch, o presidente da Invicta Cidade a beijar a pata ao Dragão Supremo que se encontra em sacrário de altar, alheio às injúrias dos infiéis. A gatinhar pelo chão, um inocentinho com cauda de rata e orelhas de abano que dizem ser Miranda Calha e, em plano de fundo, um sacristão de focinho vampiro a urrar amens envenenados.

Historial da foto: certo dia, por imperativo da honra e da verdade, o invicto cavaleiro Gomes da invicta capital do trabalho não hesitou em baixar do seu corcel para anunciar ao povo que as suspeitas de corrupção no futebol em curso não passavam de conspirações destinadas a apagar o Dragão Supremo do altar do Santuário das Antas. Ao que o sacristão de focinho ínvio (membro da direcção FCP) desatou a chorar amens de estrondo desbocado, acusando os mouros ou cães de Mafamede de, com blasfémias infernais contra o futebol dos Dragões, pretenderem subverter todo o Norte e arredores.

Esta declaração do alto-cavaleiro do município deslumbrou os cidadãos de fé cristã pela inteligência política e pelo sentido de oportunidade que demonstrou. Os cães de Mafamede talvez a tenham acusado de golpe baixo ou rasteira meiga, afirmando que este beija-pé ("toe-sucking", como dizem os da pátria do futebol) não passou de uma superlativa habilidade para chamar o Dragão à sua urna, salvo seja, na hora das eleições autárquicas que se avizinham.

Pois sim, os cães ladram do Sul, deixá-los ladrar, e a caravana nortenha avança a todos os quadrantes, imparável. No entanto, esta subserviência do cavaleiro — perdão, esta frontalidade, quero eu dizer — não foi lá muito bem aceite por personalidades de rigorosa consciência política (como o Presidente da República, por exemplo) que estão sempre a adivinhar demagogias e oportunismos como expressões de inferioridade intelectual. Caprichos,

que se há-de fazer? E depois do desastre estratégico do mafiento totonegocio se ter convertido em acelerador da desconfiança social que pesa no futebol português este preconceito acentuou-se ainda mais.

Mas que se lixe. Realpolitik é Realpolitik e o ungi-do cavaleiro Gomes não esteve com mais aquelas. Empunhando a espada da solidariedade doa a quem doer, lançou-se num galope do caraças, antecipou-se à Judicária e aos tribunais e proclamou por conta própria o veredicto da conspiração da imagem do Dragão Supremo intentada pelos mouros. Foi assim.

Retratos históricos. Uma galeria de notáveis, comandada pelo cónego Melo fardado de guardaredes com uma bomba em forma de bola convencional. O presidente-mártir dum clube de Viseu condenado por narcotráfico. Um juiz misterioso. Um militar indiscutível. Um árbitro sentenciado por distração. Foto na capela dum clube, com todos os dirigentes a receberem a absolvição "ab magna diligentia" dum capelão futebolístico.

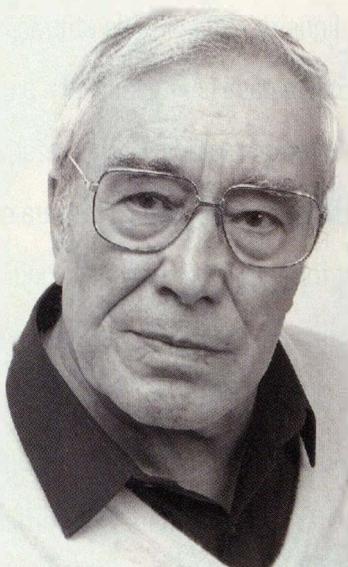
Os condores irados. Sempre a planar por Himalaias de dinheiro, estes apóstolos do relvado quando aparecem na televisão são mais devastadoras do que os pássaros do Hitchcock. Fotografados directamente no ecrã, apanhámo-los numa suspensão de garras afiadas e olhos de diamante, a guerrear-se entre si. Ouvidos, fazem tremer a alma do cidadão porque vêm dum mundo insaciável.

São vozes dos clubes ou das suas confrarias, da Liga ou da Federação, e comportam-se como vozes mandantes do país alienado. Reparem: de seu natural, falam

com ira e provocação rufia. A tal ponto que um deles, que é juiz, e o outro, que é advogado, nos fazem lembrar os sinistros tribunais plenários do salazarismo. Porquê um tal alardear arrogante? Por primitivismo de imagem e de discurso?

Este de olhar branco em rosto cigano mete medo: à mais pequena vírgula que o detenha, encrespa-se em ódios de rapina. Aquele, sempre que pode, humilha o adversário com sorrisos. E que sorrisos, senhores: esgares malditos, rasgões de dentes. Há um de voz caserneira e palmadas nas costas que, ao pressentir o menor indício de corrupção, desata a escoucinar com tal furor que já nem cabe no ecrã. E há outro, advogado de olho azul, que tem boca fria, de moreia, e que estraçalha as palavras a golpes de raiva tensa.

Pronto, "acta est fabula". Fecho o álbum dos cidadãos de Plutarco com a patriótica confiança no prestígio internacional do nosso futebol que eles sacrificadamente têm vindo a afirmar. ●



José Cardoso Pires

São vozes dos clubes ou das suas confrarias, da Liga ou da Federação, e comportam-se como vozes mandantes do país alienado. Reparem: de seu natural, falam com ira e provocação rufia.